

EMILIO ZOLA

ESTUDO BIBLIOGRAPHICO

Vamos tratar de um dos talentos mais vastos do seculo actual, e de um dos autores que mais injustamente tem sido julgado no Brasil.

A má fé, ou a falta de conhecimento das obras de Emilio Zola, tem feito com que o seu nome e o titulo de um dos seus treze romances, o *Assomoir*, tenha servido para caracterisar uma escola, não realista como lhe chamam, porém obscena como querem que seja.

Publicando o presente estudo, cumprimos o dever de provar publicamente a nossa admiração por este fecundo talento e ao mesmo tempo envidar os nossos esforços para que se lhe faça a justiça que merece.

Em geral é costume no Brasil julgar os autores estrangeiros, por uma qualquer de suas obras que chega ás mãos dos criticos juramentados e reconhecidos, baseados unicamente n'essa producção dão elles o seu juizo fantasista, não só sobre tudo o que o autor tem escripto, como até sobre o seu estylo, e ainda mais, sobre o futuro de suas obras ; seria estúpido, se não fosse triste e ridiculo.

Vamos provar facilmente o que avançamos : Zola publicou os treze volumes abaixo, só de romances :

La confession de Claude.....	1865
Le vœu d'une morte.....	1866
Madeleine Férat.....	1866
Les Mystères de Marseille.....	1867
Thérèse Raquin.....	1867
La fortune des Rougon.....	1871
La curée.....	1872
Le ventre de Paris.....	1873

La conquête de Plassans.....	1874
La faute de l'abbé Mouret.....	1875
S. Ex. Eugène Rougon.....	1876
L'Assomoir.....	1877
Une page d'amour.....	1878

isto é treze volumes, em treze annos; no entanto um autor d'esta maravilhosa fecundidade foi julgado e condemnado entre nós, apenas pelo *Assomoir*, romance que occupa o setimo lugar n'uma obra variada e complexa como abaixo diremos.

E não se diga que o *Assomoir* é a unica obra do autor que mereça critica, porque seria uma falsidade, pois o romance de Zola que tem menos edições é *La conquête de Plassans* que está na oitava.

Creio que isto é concludente.

N'este artigo tentaremos apenas lançar um rapido golpe de vista sobre a collecção de romances de Zola que elle intitolou— *Les Rougon-Macquart, Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le second empire*. Fazem parte d'esta collecção os oito ultimos volumes da lista que démos acima. Esta vasta obra deve constar, segundo promete o autor, de vinte volumes mais ou menos: cada volume fórma um romance separado, que, posto tenha intima ligação com todos os outros, pôde ser lido por si só, formando uma obra quasi que independente.

O ultimo volume publicado, *Une page d'amour*, traz uma arvore genealogica da familia *Rougon-Macquart*, da qual o autor se tornou o historiador, e por ella vê-se que a accusação que lhe fizeram de visar ao escandalo, mostra apenas profunda ignorancia do plano de Zola.

Esse plano que só podia ser desenvolvido por um talento de robustez excepcional é o seguinte: explicar como uma familia, um pequeno grupo, se comporta n'uma sociedade, dando nascimento pelo seu desenvolvimento a um grande numero de individuos, que parecem profundamente dissimelhantes, mas que a analyse e o estudo mostram intimamente ligados.

Com effeito a physiologia tem demonstrado concludentemente que a hereditariedade segue leis inflexiveis e mathematicas.

O grupo que Zola estuda é caracterizado pela insaciabilidade de todos os gozos materiaes, pela funda ambição de poder e de riqueza, emfim por todos os vicios das sociedades modernas.

Essa familia é estudada physiologica e historicamente.

Physiologicamente é o estudo da lenta successão de accidentes nervosos e sanguineos que apparecem n'uma raça em consequencia de uma primeira lesão organica, e que, segundo o meio em que se move o individuo, determinam todas as manifestações humanas, naturaes e instinctivas, que se appellidam virtudes ou vicios.

Historicamente é o estudo da marcha de homens do povo, que infiltrando-se por toda a sociedade contemporanea, sobem até ás mais altas posições, por meio

do impulso essencialmente moderno, que recebem as baixas classes movendo-se através o corpo social.

Ajudado por esses dramas individuaes o autor relata o segundo imperio, desde o crime do golpe de estado de Dezembro, até á traição de Sedan.

Zola preso a este vasto plano foi obrigado fatalmente a dar-nos romances como o *Assomoir* em que a heroína Gervaise é impellida até aos ultimos degrãos da bestialidade humana, pela fatalidade de seu temperamento e pela degeneração e decomposição do meio em que vive.

O autor fazendo que os seus personagens se movam no periodo dos vinte annos do baixo imperio bonapartista acha-se em plena decomposição social.

Collocados os seus heróes n'um meio são e robusto, ha reacção contra a natureza morbida, o temperamento póde ser dominado e apparecem homens honestos.

Quando Zola obriga os seus personagens a seguirem o bem ou o mal por uma fatalidade physiologica, faz apenas uma concessão á hypocrisia humana.

Os caracteres e os incidentes são tão reaes e verdadeiros, que, dado o meio em que os seus typos vivem, os actos que praticam não causariam admiração mesmo praticados fóra da influencia do temperamento, e o autor está tão convicto d'isso que dá-nos typos eminentemente naturaes, como Renée da *Curée*, o abbade de Faujas da *Conquête de Plassans*, Coupeau e Lantier do *Assomoir* e Clorinde de *S. Ex. Eugène Rougon*, que estão na altura dos demais personagens e que comtudo não têm uma nevrose hereditaria a compellil-os para o mal brutalmente e quasi contra a propria vontade.

O que tem feito corar pudicamente os criticos ao ler as obras de Zola, não é, no maior numero de casos, mais do que a propria imagem reflectindo-se bruscamente no espelho que lhes apresenta o autor.

Se o quadro tem sombras crúas, é triste dizel-o mas é verdade, é porque as photographias tambem as têm, e Zola não fez mais do que photographar a natureza humana em todos os seus estados de grandeza ou rebaixamento.

O unico romancista dos tempos modernos que póde ser comparado a Zola é talvez Balzac e comtudo se ha entre elles pontos de contacto, ha tambem profundas dissimilhanças.

Balzac retratou ás vezes perfeitamente a sociedade em que vivia, n'outras occasiões porém deixou-se arrebatado pelo seu entusiasmo e a sua força e foi além do ponto que visava. Muitas vèzes Balzac esquece-se que está pintando a vida real, a sua imaginação arrebatada-o, o molde estala, e a consequencia é dar-nos personagens completamente falsos, maiores do que o natural, uma Duqueza de Langeais, um Vautrin e tantos outros typos da *Comedia humana* que não existem e nunca existiram felizmente na vida real; Zola governa melhor a sua imaginação, os seus personagens vivem, encontramos muitos d'elle^s a todo o momento na vida real e o romancista creou typos nos quaes a historia ha de collocar o nome sem hesitação.

Emquanto Balzac emprega apenas dezeseite volumes para pintar-nos toda a sociedade de seu tempo, Zola promette-nos em vinte volumes tratar de uma unica familia e n'um periodo de menos de vinte annos; comprehende-se pois que este deve dar mais vida a seus personagens, tratar d'elles com mais minuciosidade, emfim cingir-se melhor ao assumpto.

Quando Balzac teve a idéa de prender entre si todos os romances da *Comedia humana* já metade da collecção estava escripta, ha n'ella e nota-se facilmente falta de unidade e de homogeneidade; o mesmo não acontece em Zola, que, antes de escrever a primeira linha de seu primeiro romance tinha o seu plano formado e a arvore genealogica da familia preparada.

Longe de nós a idéa de rebaixar a obra de Balzac, ou mesmo de collocal-a abaixo da de Zola, queremos apenas comparar as producções de um e de outro autor e notar-lhes as differenças ou as semelhanças.

Entre elles ha a grande differença dos meios em que viveram: Balzac escrevendo logo depois da revolução de 1830, quando a litteratura exercia uma forte influencia sobre a sociedade, quando a escola romantica estava no seu apogeo, desafiava todas as iras que hoje se accumulam contra Zola.

Os personagens de Balzac, posto que ainda ás vezes de convenção, destoam mais dos heróes do romantismo do que hoje os de Zola destoam dos seus.

Zola escrevendo agora e para França, que depois da grande catastrophe porque passou quer saber todas as causas que a levaram até a borda do abysmo, devia com effeito relatar os vicios dos vinte annos do segundo imperio; devia pintar o desmoronamento da familia pelo padre, o rebaixamento do povo pela delação e pelo terror, o embrutecimento do operario pela ignorancia e pela embriaguez, a desorganisação moral, social e politica do paiz pela corrupção e pela perseguição dos espiritos independentes.

A obra de Zola é verdadeiramente uma obra de combate, elle segue em todas as camadas sociaes esses mil agentes dissolventes.

De certo esses livros não pódem ser modelos de decencia que se offereçam para leitura de meninas de quinze annos, porém d'ahi a serem obscenos, como alguém os appellidou, ha um abysmo; por mais pudico que seja um homem nunca corará lendo qualquer dos romances de Zola.

Entre elles e as obras de Belot e outros ha differenças extremas; entre o romancista que visa ao escandalo pelo escandalo, que faz das scenas licenciosas um meio de attracção, e o romancista que relata fiel e minuciosamente tudo quanto se passa na vida real, que posse caracterisar um meio, um povo, uma sociedade, um individuo, ha differenças radicaes.

Comparar Zola a Belot é demonstrar completa ignorancia das obras de um e outro autor, é tornar-se echo de criticos maledicentes que servem-se de todos os meios para abalar o pedestal do grande romancista.

Ha livros como *Mlle. Giraud ma femme* e outros que nunca deviam ter sido escriptos.

Qualquer dos romances de Zola, é mais decente e sobre tudo mais moral do que muitos de Balzac, por exemplo : *La fille aux yeux d'or*, *Sarrasine*, *Vautrin*, etc,

A leitura das obras de alguns romancistas idealistas, Lamartine por exemplo, é mais pernicioso do que as de Zola ; *Raphael* aquelle livro enervante e sensual, onde o amor é forçado a ser casto, porque Julia morreria da ruptura de um aneurisma ao primeiro beijo de amor, é profundamente immoral, vê-se claramente que sem aquella fatalidade physiologica, Julia atirar-se-hia nos braços de Raphael trahindo sem remorsos seu marido que ella chama seu segundo pae ; em *Regina* aquelle amor que nasce sobre uma sepultura, que não é mais do que a transmissão da amizade que ligava Regina e Clotilde é falso e impossivel.

A amizade mesmo das duas moças não é natural, é mais do que isso, parece amor.

Emfim em todos os romances de Lamartine sente-se uma enervação, um sopro sensual e lascivo que nos faz deixar o livro com o espirito perturbado, para procurar uma obra viril e forte que faça vibrar outras fibras de nosso ser.

Ha romancistas que têm a fama de honestos, castos e moraes e que são muito mais perniciosos do que Zola ; um facto francamente dito, uma palavra valentemente escripta, fazem mil vezes menos mal do que uma hypocrita linha de pontos que faz viajar a imaginação por umas alcovas mysteriosa e voluptuosamente illuminadas, uns cortinados hermeticamente fechados ; e outras *ficelles* dos romancistas honestos. A accusação de immoralidade cahindo sobre Zola indica que não ha conhecimento do seu plano grandioso e monumental ; cada romance foi escrito quando chegou a sua hora e como as circumstancias o fizeram ; como descrever uma época, como caracterisar uma sociedade, sem mostrar-lhe tanto as boas como as más faces, sem mostrar as generosidades e as baixezas ? como dizer o que é o povo sem descrever as consequencias do abandono do trabalho, da embriaguez e do vicio, bem como mostrar até onde se pôde elevar o homem honesto, trabalhador e corajoso ? para que repetir todos os dias a mentira ? para que dizer ao povo que elle é grande e nobre, que só elle conserva os grandes sentimentos ? para que não lhe apontar o abysmo onde tombam os que não trabalham e os que não pensam no futuro ?

O autor que seguir a senda erronea que os criticos honestos e quasi sempre beocios desejam, será um romancista agradavel, um romancista lido, um romancista moral, já que assim o querem, mas nunca será um homem util ; então voltamos aos romances de Cavallaria, deem-nos Carlos Magno e Roldão ; deem-nos os **Tres Mosqueteiros** ou melhor ainda qualquer obra de um Ponson du Terrail qualquer.

O espirito humano quer hoje alguma cousa mais substancial do que esses livros de imaginação.

A sociedade moderna quer que lhe fallem dos grandes problemas sociaes ; quer que lhe apontem o que se passa nas outras classes hoje que não ha mais linha divisoria, senão a do talento e a do trabalho ; no grande nivelamento das castas, o povo quer conhecer o lado fraco da burguezia e da nobreza, e o romancista que faz isto, que não se occupa em escrever para agradar, mas para mostrar a verdade é um homem util.

Sainte-Beuve, o grande critico disse : *Heureux le roman, fut-il inégal, où il y a de la vérité* ; e em Zola ha unicamente verdade.

Quando Molière atirou o *Tartufo* á face do seu seculo hypocrita, prestou maior serviço á humanidade do que Racine escrevendo *Athalie* e *Esther* para as pensionistas de Saint-Cyr ; para que negar hoje o merito de obras verdadeiras, quando applaudimos a coragem de Molière ? Ha incoherencia flagrante.

Coroem na Academia Julio Sandeau porque mostrou-nos em *Magdalena*, uma provinciana vindo arrancar um pobre rapaz das garras das sercias de Paris, mas não insultem Zola que quer livrar a geração moderna do mal que esphacelou a geração que finda.

Applaudam Feuillet que na *Petite Comtesse* mostra a mulher prostituindo-se por despeito, mas sejam coherentes não velem a face vendo em Zola a mulher prostituir-se por aborrecimento.

Feuillet que descreve a abjecção elegante (permittam-nos juntar estas duas palavras) que deu um desenlace absurdo e illogico a *M. de Camors* para agradar á hypocrisia humana, seja embora o romancista dos salões, Zola será o romancista do povo e do pensador.

Quando Goncourt na *Fille Elisa* mostrou o estado a que a sociedade moderna reduzio a mulher do povo, sem educação, levando-a da prostituição ao crime, do crime á loucura, e da loucura á morte ; todos os burguezes barrigudos, todos os criticos imbecis, sentindo a digestão embaraçada por aquelle livro triste e desolado como uma pagina do *Inferno* de Dante, porém verdadeiro da primeira á ultima linha, bradaram que éra um livro indecente e immoral ; o pensador porém e o legislador sentiram desvendar-se novos horisontes e novos deveres.

Duvido que haja um operario que vá embrutecer-se na taverna deixando em casa a mulher e os filhos sem pão, no dia em que ler o *Assomoir*, e nem que fosse esse o unico merito de um livro só por essa vantagem estaria absolvido de todas as suas audacias.

Concluiremos esta primeira parte de nosso artigo citando as palavras do abalisado critico Saint-Marc Girardin, que mostram exhuberantemente que Zola comprehendeu maravilhosamente a alta missão da litteratura, diz o supracitado autor : *En France plus que partout ailleurs la littérature et la société ont marché de concert, la littérature précédant le plus souvent la société, l'annonçant ou la créant, parfois la société contenant et réglant la littérature.*

(Continúa)

LUIZ ZAMITH.